



Comunicação COVID19

Ponto de situação 23 de abril

Quinta, 23 de abril de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

22.353 CASOS DE COVID-19

MAIS 371 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 1,68%



ÓBITOS

820 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 35 VÍTIMAS MORTAIS (+4,45 %)

NORTE-475

CENTRO-179

LISBOA E VALE DO TEJO-146

ALENTEJO-1

ALGARVE-11

AÇORES-8

MADEIRA-0

1.201 CASOS DE RECUPERAÇÃO

4.048 AGUARDAM RESULTADOS

219.848 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

1.095 INTERNADOS (4,89%) / 204 UCI (0,91%)



Líderes da União Europeia discutem hoje plano de retoma.

A atividade empresarial na zona euro voltou em abril a registar a maior queda desde que se começaram a compilar dados comparáveis em julho de 1998, IHS Markit.

Euribor sobem a 3 e a 6 meses para novos máximos desde janeiro de 2015.

China anuncia 28 ME adicionais nas contribuições para a OMS.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



União Europeia: este é o momento para restaurar a confiança.

Governo aprova proposta do PS e reduz IVA das máscaras. Marco Galinha, Prozis e Apollo juntam-se para comprar a TVI. Impostos travam maior descida dos preços dos combustíveis. Ferro Rodrigues: “Estou à espera de que não haja cortes dramáticos”. Governo abre porta ao regresso dos jogos de futebol. **(Online)**– Um morto após acidente entre Alfa Pendular e camião. Linha do Norte está cortada em Santarém. Época balnear pode arrancar a várias velocidades. E com muitas restrições. Começa a haver um “relaxamento”. Último fim-de-semana foi aquele em que menos gente ficou em casa. Covid-19: a hipótese de ter uma vacina produzida em massa em 2021 é “incrivelmente pequena”. Vômitos, diarreia ou urticária: os sintomas “invisíveis” da covid-19. Covid 19: EUA procuram parceiro alternativo à OMS para vacinas e outro “trabalho importante Marcelo vai ouvir representantes de todos os media, mais apoios em cima da mesa. CGTP quer celebrar 1.º de Maio sem reformados ou crianças.



(Edição) Risco da dívida duplica com o vírus e ainda não há "fiscal nem bazuca" para o combater.

Conselho Europeu. “Perpétua junto a dívida é daquelas palavras difíceis de engolir”. Abdool Vakil. “Deve ser uma tristeza ver os lugares santos vazios durante o Ramadão”. Mestre da guerra. Inspiradas em Sun Tzu, Forças Armadas criam fatos e máscaras de proteção. Bancos antecipam que será necessário renovar moratórias para além dos seis meses. Paulo de Carvalho” Querem atacar o 25 de Abril. Incomoda-me a estupidez e a ignorância”. **(Online)** Praias vão ter lotação limitada e pode aplicar-se uma distância mínima entre toalhas. Lotação limitada de banhistas nas praias, distância de dois metros entre toalhas e uso obrigatório de máscara nos bares são regulamentações que estão a ser trabalhadas pela Agência Portuguesa do Ambiente. Irão constar de um manual a apresentar na primeira semana de maio.

Época balnear pode começar a 1 de junho. CTT falham todos os indicadores de qualidade do serviço postal.



Saúde suspende meio milhão de consultas – prioridade no combate ao vírus leva hospitais e centros a adiar serviços a outros doentes.

Bombas biológicas em pensões de Lisboa. Costa anuncia redução do IVA em desinfetantes e máscaras. Portugal exige milhões na Europa para retoma. Apoios às empresas demoram 40 dias. Começa teste à vacina na Inglaterra. Estádios de futebol com lotação limitada a 16,7%. Na próxima semana a gasolina vai baixar cinco cêntimos. Contribuição anual – Portugueses pagam 179,2 milhões de taxa à RTP.



Recibos verdes pagam mais à Segurança Social do que ganham em apoios.

Ajuda máxima só chega a quem tem faturação superior a 2820 euros/mês. Impostos. PS e PSD descem IVA de máscaras e álcool-gel. Militares junta oito mil voluntários no combate ao vírus. Covid-19 já deu licenças precárias de 45 dias a 400 reclusos. Finanças. Plano do BCE aceita dívida em nível “lixo”. Hostel. SEF procura estrangeiros desaparecidos. Vacina. Alemães e britânicos fazem testes em humanos. Marido tenta matar mulher à facada e suicida-se.



Professores e reitores não querem abertura de universidades contra vontade de ministro.

“Declarações –do ministro– procuraram colmatar danos políticos muito fortes, fruto da sua indecisão”. Costa defende que Portugal é uma espécie de oásis. “Não haverá austeridade”. Pais vencem os medos para levar os filhos às vacinas. 25 de Abril. Santana Lopes volta ao PSD... em conferência online. 1º de Maio. CGTP com discursos, mas sem reformados nem crianças. COVID-19. Guterres fala de risco de fome de “proporções bíblicas”. Graça Freitas reconhece “imperfeições” na plataforma Sinave. Fidelidade. Seguradora apoia imprensa com assinaturas de jornais.



Bancos já aprovaram o dobro das linhas de crédito disponíveis.

Governo fixa novos prazos para pagamento do lay-off. Países abrem escolas a várias velocidades. Portugal põe travão. Finanças não fecham porta a moratória nos prémios de seguros. Só as vendas de carros elétricos subiram em março negro. Uma cimeira europeia para aproximar e não para decidir. **(Online)**



(Edição)- Apoio europeu à crise “deve ser com subvenções e não empréstimos” “Investimento público será o coração do plano de recuperação”, Nelson Souza, Ministro do Planeamento.

“Há mais empresas estrangeiras interessadas em investir” em Portugal, diz Costa. Frugais contra endividados. Acordo na Europa não é para já. **(Online)** Mais 47 mil trabalhadores entram em lay-off em dois dias. Já são 1,132 milhões. “Esta crise não se pode resolver com respostas de austeridade”, diz Costa. Banca já concedeu mais de 210 mil moratórias a famílias e empresas. TAP pediu garantias do Estado para duas operações de financiamento até 350 milhões de euros.



(Online)- “Colapso sem precedentes”. Índice PMI da zona euro tomba para novo recorde.

Apesar da pandemia, CTT mantém expectativa de ter novo contrato de concessão a 1 de janeiro. Financiamento e distribuição do fundo de recuperação: Líderes discutem hoje como querem salvar a Europa. Autoeuropa regressa à produção a partir de segunda-feira ainda a meio gás. Estradas portuguesas com menos 70% de acidentes durante Estado de Emergência. BCE flexibiliza critérios para aceitar ‘junk bonds’ como colaterais. “Inexplicavelmente altos e difíceis de cumprir”. CEO dos CTT critica objetivos exigidos pelo regulador. IRS: Fisco devolve esta semana 100 milhões a mais de 100 mil famílias. AHRESP responsabiliza Governo pela reabertura de restaurantes. Grupo Bel confirma entrega de proposta de compra da TVI.



(Online)- Conselho Europeu. Risco da dívida duplica sem fisga ou bazuca para o travar. IRS vai reduzir salários de alguns funcionários públicos. Costa quer plano de recuperação europeu entre um bilião e 1,5 biliões de euros.

OBSERVADOR

(Online)- Doentes recuperados voltam a dar positivo.

Porquê? Transportes públicos podem entrar em rotura- Grupos Transdev e Arriva. O ex-ministro da Saúde Adalberto Campos Fernandes defende mais investimento, menos restrições orçamentais e estabelecimento de lotação máxima. Estudo mostra que percentagem de fumadores é baixa. Apps para rastrear contactos? "Estamos muito adiantados e teremos novidades muito em breve", garante secretário de Estado. Covid: Portugal faz teste com plasma. Será eficaz? Doentes em Wuhan testam positivo 50 dias depois. Os hostels sem espaço que abrigam os refugiados. Galp. Estado muito satisfeito em receber dividendo.



(Online) Covid-19. Plano de Recuperação de Bruxelas pode gerar 2

bilhões de euros. Covid-19. Governo apoia editoras e livrarias com 600 mil euros. Debate quinzenal. Costa tem um sonho: União nacional de longo prazo. E um problema: como falar de austeridade. Praias vão ter lotação máxima de banhistas: manual com todas as regras anticovid fica pronto até 6 de maio. Os ginásios estão preparados para reabrir e estas são as regras que esperam que o Governo aprove.



(Online)- Covid-19 já matou mais de 181 mil pessoas em todo

mundo. Detidas 41 pessoas por desobediência em Portugal. Morreu motorista de camião que colidiu com comboio na Linha do Norte.

25 de abril. Marcelo só leva ajudante de campo e Cardeal Patriarca estará presente. Jornalista que acusou China de esconder Covid-19 esteve um mês em quarentena forçada

NOTÍCIAS A MINUTO

(Online)- Líderes da UE discutem retoma e Costa quer resposta musculada.

SÁBADO

Ansiedade. Depressão. Dor Crónica. Como vencer os efeitos perigosos da quarentena. As estratégias para dormir melhor. Nuno

Lobo Antunes identifica os sinais de alerta nas crianças. Fomos ver como vivem os profissionais de saúde nos hotéis. Investigação. Os gastos milionários do SNS e das Autarquias com a pandemia.

VISÃO

Como vamos virar a página. A vida, o trabalho, a saúde, a economia, e a liberdade depois de sairmos do estado de emergência. Os melhores e piores cenários. Maternidade. Nascer no meio da tormenta. Reportagem. Quarentena ao estilo Comporta. Procurar a esperança, por Dalai Lama, Marisa Ressa, Michele Bachelet, Margaret Atwood e Tsai Ing-Wen (Presidente de Taiwan).



Aumento radical das compras de petróleo por parte da China. Carta

"A Europa do Amanhã"- Ambição não falta às mais de 30 personalidades que assinam hoje uma carta em forma de incentivo aos líderes europeus. Governo está a fazer ajustes à estratégia de internacionalização das empresas portuguesas. A Associação de Nadadores Salvadores do Litoral Alentejano alerta para as dificuldades em contratar nadadores para a época balneares que vai seguir-se, em que segundo aquela organização, os salva-vidas vão estar expostos ao contágio pelo novo Coronavírus.



Empresários portugueses com poucas expectativas para a reunião do Conselho Europeu. Covid-19 na Cova da Moura. A vida do vírus num dos bairros mais pobres do país.

Universitários dão nota negativa ao ensino à distância. Por que só 4% dos infetados por Covid-19 estão oficialmente curados? Regras para que portugueses e turistas possam ir à praia no Verão.



As praias vão ter uma lotação máxima de banhistas. Vão faltar

nadadores-salvadores nas praias. Desinfecção na área em redor da pensão onde houve um foco infeccioso. António Costa admite o recurso aos telemóveis para o combate à covid-19.

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- ❑ Quase 178 mil mortos e mais de 2,5 milhões de infectados em todo Mundo.
- ❑ **ESPAÑA** registou, nas últimas 24 horas, 440 mortes devido ao novo coronavírus, um aumento de cinco em relação a quarta-feira, havendo até agora um total de 22.157 óbitos.
- ❑ **ITÁLIA** ultrapassa os 25.000 mortos e regista recuo dos casos de infeção.
- ❑ França regista mais 531 mortos, total está quase 21.000 óbitos.
- ❑ A **ALEMANHA** tem aproximadamente 103.300 pessoas consideradas curadas da covid-19. Total 5.094 óbitos.
- ❑ **REINO UNIDO** regista mais 759 mortos e ultrapassa os 18 mil.
- ❑ **ESTADOS UNIDOS** registam 1.738 mortos nas últimas 24 horas. Total de 46.583 vítimas mortais.
- ❑ **HOLANDA** teve nas últimas 24 horas mais 708 novos casos, num total de 34.842 no país, e mais 138 mortos, valor que no total já passou a barreira dos 4.000 (4.054).
- ❑ Número de mortos no **BRASIL** chega a 2.906 e país tem 45.757 casos confirmados.
- ❑ Há oito dias que a **CHINA** não regista qualquer morte.
- ❑ **PEQUIM** aumenta período de quarentena para três semanas.
- ❑ **ÁFRICA** regista 1.242 mortos e quase 26 mil infectados.
- ❑ Na **CHINA**, o número oficial de casos confirmados de COVID-19 aproxima-se das oito dezenas de milhar (80 mil), mas há dois meses o número de infectados poderia ser já quase o triplo: 232.000. Estuda da Revista Lancet.



FRASES DO DIA

- **"Num contexto de crescente etno-nacionalismo, populismo, autoritarismo e declínio dos direitos humanos em certos países, a crise pode servir de pretexto para a adoção de medidas repressivas para fins não relacionados à pandemia", António Guterres, Secretário-geral da ONU.**
- **"Devemos estar preparados, durante um período limitado, para agir de forma diferente, o que significa dar uma contribuição muito maior para o orçamento da UE" (...) "a OMS é um parceiro indispensável para a Alemanha", Angela Merkel, Chanceler alemã.**
- **"É preciso ter consciência de que esta crise não se pode resolver com respostas de austeridade. O que temos feito visa manter vivas as empresas, os postos de trabalho e o rendimento dos trabalhadores. Temos de evitar acrescentar crise à crise", António Costa, Primeiro-ministro.**
- **"É importante que as pessoas comecem a ver a luz ao fundo do túnel e que tenham um calendário para ela. Mas também é importante que as pessoas estejam preparadas para recuar. É fundamental que se perceba que quando formos libertando estas restrições nada vai ser como antes: para podermos andar nos transportes públicos,**

temos de usar máscara, para ir à escola, temos de usar máscara, para ir aos restaurantes, a lotação não pode ser a mesma de antigamente”, António Costa, Primeiro-Ministro.

- **A Europa é uma ideia e um projeto que pertence a todos nós. Para que tenha sucesso, temos de pôr de lado as visões negativas – preconceitos políticos, egos pessoais ou o medo da mudança, só para citar alguns – e, confiando na história das nossas fundações, acreditar na esperança sincera de construir uma das grandes civilizações do século XXI”,** Movimento “Para uma Europa do amanhã”.
- **“Seguros cibernéticos vão crescer a ritmo elevado depois desta crise”,** Gabriel Bernardino, Presidente da Autoridade Europeia de Seguros e Pensões.
- **“Como é possível Portugal ter 700 mortos e nós 20 mil?”,** Pablo Casado, Presidente do PP espanhol.
- **“O vírus vai estar connosco por muito tempo e pode reacender facilmente”,** Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor-geral da OMS.
- **A espécie humana, ao contrário das outras, produz sem solução de continuidade, como numa linha de montagem, sempre novas possibilidades de causar a própria extinção”,** Stefano Mancuso, Especialista em Neurobiologia Vegetal.



ARTIGOS SELECIONADOS

“INVESTIMENTO PÚBLICO SERÁ O CORAÇÃO DO PLANO DE RECUPERAÇÃO”, DIZ O MINISTRO DO PLANEAMENTO

O plano de recuperação que o Governo está a desenhar passa por tornar Portugal menos dependente de algum tipo de importações como máscaras, batas, ventiladores ou outras estejam identificadas como necessárias?

O plano e o fundo de recuperação terão de ter, necessariamente, dois tempos: o primeiro, que será ainda de emergência, de cuidar de pôr o tecido produtivo e social em condições de recomeçar a sua função de produção, o mais normalizadas possível. Já sabemos que a normalidade vai ser sempre uma nova normalidade. Mas vai ser absolutamente necessário olharmos para os setores que temos, os mais afetados, como por exemplo o turismo, a restauração, o comércio, as micro e pequenas empresas, mas também todo um setor industrial — o tradicional e não só. Temos de nos dedicar a repor as nossas cadeias de valor e de produção.

Mas logo a seguir, a Europa, e nós próprios, temos de retomar os nossos desafios estratégicos e estruturais: tudo aquilo que tem a ver com a descarbonização e as alterações climáticas. Retomar a agenda do crescimento verde e da transição digital. Mas a esses dois desafios que já eram prioridades para nós agora, emergiu agora um terceiro: olhar para a nossa base industrial, de forma a garantir para a

Europa uma maior independência de todo um conjunto de produtos e produções estratégicas do ponto de vista de assegurarmos uma resposta à crise. Agora foi relativamente a equipamentos médicos, mas, de hoje para amanhã, pode ser relativamente a muitas outras produções de bens e até de serviços que são essenciais para que espaço social e económico mantenha condições de sobreviver em situações de crise que, provavelmente, se irão repetir noutros cenários e noutros contextos. Assegurar bases industriais e científicas que garantam produções próprias para enfrentar períodos de crise é uma questão essencial e foi bem sentida por nós todos.

Esta terceira questão não é só nossa e vai desde assegurar produções relativamente simples como máscaras e batas até produtos bem mais sofisticados como a biomedicina, a questão digital ou de outras tecnologias mais evoluídas. Portugal, neste plano de recuperação, vai ter de aproveitar a oportunidade para evoluir nesta área, procurar mudar e alterar o nosso tecido produtivo para que responda a este tipo de desafios. Será uma tarefa quer deste programa de recuperação quer do futuro quadro comunitário de apoio que vai continuar, de uma forma articulada, com as suas agendas estratégicas.

Crescimento verde e agenda digital não são conceitos demasiado vagos para a dimensão da crise que a Europa atravessa?

Se tivermos uma aproximação real para aquilo que são estes desafios percebemos que não há contradição nenhuma entre continuarmos a prosseguir estes desafios estruturais e encontrar mecanismos de dinamização das nossas atividades, mesmo algumas daquelas consideradas tradicionais. Há que

aproveitar as oportunidades geradas quer pela digitalização quer pela adoção de uma estratégia consistente de descarbonização e do crescimento verde, nomeadamente através da abertura de novos mercados. Portanto, uma coisa não é contraditória com outra. Aquilo que estamos a fazer é posicionarmo-nos em cadeias de valor com mais futuro e que, como tal, permitirão gerar mais valor acrescentado permitindo um perfil de especialização mais seguro e que nos proteja melhor destas crises externas que afetam particularmente alguns setores onde a especialização é feita com base em fatores indiferenciados.

A aposta nas grandes obras públicas para aproveitar esta possibilidade de haver subsídios a fundo perdido para as financiar é uma solução para o plano de recuperação?

Será certamente. O investimento público será certamente um dos grandes instrumentos do plano de recuperação. O investimento público, a par do investimento privado, serão os dois grandes vetores da recuperação do país e da geração de novos empregos e da manutenção dos postos de trabalho existentes. Mais investimento, mais investimento, mais investimento... será, certamente, o grande objetivo do fundo de recuperação. Estará aí a chave de colocar a economia a funcionar e a ter um conjunto de estímulos para que mais rapidamente possa sair da crise. E ao mesmo tempo que procede à mudança estrutural do perfil de especialização. Para isso é importante o próprio investimento das empresas, o investimento público qualificando, melhorando e disponibilizando as infraestruturas. Temos aí dois grandes desafios que naturalmente também terão de ser acompanhados pela melhoria da qualidade dos serviços públicos e do

funcionamento do próprio Estado. Essas serão as linhas gerais do plano de recuperação. Mas, para além de linhas gerais, diria linhas incontornáveis e que constituirão o coração deste novo plano.

É desta que vamos ter um TGV ou redes transeuropeias de energia?

O facto de termos a dispor, assim o esperamos, de recursos financeiros importantes não nos vai, certamente, dispensar de fazer uma análise criteriosa dos investimentos, da sua viabilidade e, sobretudo do contributo que virão a dar para esta estratégia de retoma e crescimento da economia portuguesa. Será absolutamente prematuro começarmos agora a anunciar grandes projetos de investimento sem previamente proceder a essa seleção. O que tem de ser feito é não perder muito tempo a decidir. E uma vez decididos, concretizá-los, porque o tempo urge. O tempo de execução e de levar ao terreno a obra pública também é muito importante na execução deste plano de recuperação.

Esse é um dos problemas que temos assistido, nomeadamente ao nível da Ferrovia 2020, onde as obras até estão decididas e haver consenso sobre elas, mas a execução demora muito.

Vamos ter de resolver e acelerar a nossa capacidade de concretizar os projetos de investimento público revendo muitas das condições, muitas delas legais, em que o investimento público tem de ser operado e concretizado. São medidas que, com certeza, vão acelerar a execução deste fundo de recuperação.

Fonte: ECO

"OS PROFESSORES DEVEM MUDAR SUA MANEIRA DE ENSINAR EM SETEMBRO"

Andreas Schleicher (Hamburgo, 55 anos), diretor de educação da OCDE e chefe do relatório do PISA – que mede o nível de conhecimento de jovens de 15 anos de 75 países em ciências, matemática e compreensão de leitura – acredita que a pior consequência do encerramento das escolas devido à pandemia durante estes meses é a suspensão do maior elevador social: a escola. Na sua opinião, é o único local em que todas as crianças recebem o mesmo tratamento, longe da situação pessoal que cada uma delas tem em casa. "Lá eles contactam com outras maneiras de pensar, agir e até de estar. Aprendem os conceitos da responsabilidade social." Portanto, o seu maior receio é que o papel da escola como "fábrica social" possa ter ruturas.

Um dos estudos mais recentes da OCDE indica que um em cada 10 alunos não tem equipamentos de estudo em casa. Qual é a melhor solução para os alunos mais desfavorecidos, poderem acompanhar as aulas como os seus colegas de turma com melhores condições em casa?

É uma pergunta complicada. Acho que fazer com que os jovens repitam um ano letivo é provavelmente a pior solução, porque além de perderem um ano, eles serão estigmatizados. Os sistemas educativos devem encontrar uma maneira de redobrar seus esforços na procura de soluções que os alunos com menos recursos continuem as aprendizagens. Existe uma grande expectativa para os professores e são eles que devem atuar como mentores, até assistentes sociais, e estar em contacto permanente com os seus alunos.

Pode ser problemático que, em setembro, no regresso às salas de aula exista uma percentagem grande de alunos que não assimilaram os conhecimentos do ano anterior?

Em setembro, o ambiente de aprendizagem e o ambiente de sala de aula serão mais diversificados do que em qualquer outro ano. Haverá estudantes que voltarão animados, com muitas aprendizagens do ensino à distância que os enriqueceram, graças ao apoio de suas famílias. Outros virão desmotivados e esse é o desafio, reforçar a resposta educativa para essas crianças e jovens.

A reabertura dos centros tem várias velocidades na Europa. Especialistas insistem que a desigualdade cresce exponencialmente a cada mês.

O custo social do encerramento das escolas é dramático. Diferentes estudos mostram que não é um problema mensal, mas diário, a cada dia que passa. Inevitavelmente, a diferença de desigualdade aumentará e precisamos de encontrar maneiras de a mitigar: os alunos terão de passar mais horas a estudar, as famílias terão de estar envolvidas. Não há uma resposta clara. As famílias com mais recursos poderão compensar com aulas extracurriculares pagas do próprio bolso. Mas, o que as famílias querem é que o governo garanta essas compensações para todos.

Considerando a crise económica em curso e que se avizinha, é realista pensar que os governos darão prioridade ao orçamento educacional para garantir esse esforço de recuperação?

O futuro de nossos países depende da educação, as escolas de hoje serão a economia de amanhã. Desde o início da pandemia, o caso da China impressionou-me. Uma de suas prioridades era a educação. O governo lançou uma plataforma gratuita de aprendizagem com 7.000 servidores e 90 terabytes de banda larga que permitiu que 50 milhões de estudantes estivessem ligados em simultâneo. se conectem simultaneamente. Apostar na educação é uma decisão que todos devem preservar.

É uma questão de dinheiro ou vontade política?

De facto, essa medida custou muito dinheiro e grande parte foi doada por empresas de tecnologia. Existem dois pontos de partida que são importantes. Desde o primeiro dia, todos os professores na China estavam envolvidos no uso dessa plataforma. Não disseram apenas aos alunos para a usar, telefonavam diariamente para esclarecer as dúvidas. Foi prestada muita atenção aos estudantes sem a possibilidade de aceder à rede e foram enviados livros e materiais aos que estavam nessa situação.

Porque é que em países como Espanha ou França não tentaram lançar essas plataformas quando as existentes não possuem capacidade suficiente?

O governo espanhol fez um grande esforço para usar ferramentas digitais e fez um bom trabalho ao encontrar aliados no setor de tecnologia. Acho que o mais difícil foi envolver os professores, é aí que os esforços provavelmente devem ser concentrados, para conseguir que os professores participem ativamente nessa mudança. O ensino on-line será crucial no futuro do ensino, os professores devem-se esforçar mais.

P. Qual é a recomendação para que o trabalho seja mais eficiente?

R. Como professor, não posso resolver problemas sozinho, mas posso tentar fazê-lo em equipa. Nesse sentido, a Espanha tem muito trabalho a fazer. De acordo com os resultados do relatório Talis, os professores de espanhol estão entre os que menos colaboram, trabalham isolados na sala de aula. Apenas 24% declaram participar de uma rede de colaboração para projetar planos de ensino ou compartilhar material pedagógico, em comparação com 40%, em média, nos países da OCDE. É importante respeitar a autonomia dos professores, mas, neste momento, precisamos promover de uma cultura colaborativa e não esperar as instruções dos governos. Precisamos de assumir a responsabilidade pela situação e entrar em contacto com colegas para implementar medidas inovadoras. Os líderes de cada comunidade escolar precisam de interligar os professores, criar comunidades e plataformas entre as diferentes escolas. Um dos resultados do PISA é que, em todo o mundo, 50% dos professores não se sentem confortáveis no ambiente de ensino digital.

Os dados da Talis afirmam que apenas 59% dos diretores desenvolvem ações para alcançar a colaboração entre os professores. Quem deve enviar essa mensagem?

A crise amplia a necessidade de interligação e entreaajuda. Esta mudança deve ser iniciada a partir da própria comunidade educacional. Bons líderes não estão nos escritórios a despachar ordens, estão ativamente envolvidos na procura de soluções. Afinal, o governo está longe de saber o que acontece na sala de aula. Os

professores da Espanha ainda estão muito dependentes do que determina a Administração.

Os professores terão de mudar seu método de ensinar em setembro?

Certamente. O grande preço que pagaremos pela crise não é apenas a perda de ritmos e conteúdos de aprendizagem, mas também a perda de confiança no sistema educativo. Existirão jovens insatisfeitos, dececionados e desmotivados. Os professores terão ainda de estar mais atentos às necessidades de cada um e projetar novas maneiras de ensinar adequadas aos diferentes contextos pessoais. Não se poderá voltar como se nada tivesse acontecido.

Como deve ser a avaliação em tempo de confinamento e de ensino à distância?

Devemos realizar a máxima avaliação possível. Educação e avaliação andam de mãos dadas. Quando está na escola, sabe como cada aluno está evoluindo, mas quando não os vê dia após dia, precisa usar ferramentas on-line para ver se estão a aprender. Estou muito otimista e acho que podemos ser muito criativos com novos formatos de avaliação.

A avaliação deve ser mantida durante esses meses de confinamento ou deve haver uma atenção especial ao apoio emocional?

A natureza da avaliação pode ter de ser alterada, mas insisto que é importante mantê-la para acompanhar a evolução do aluno. Não fazer isso tornaria os professores cegos, e também é uma maneira de impedir que os alunos se desliguem.

Criticou o facto de não haver uma maior colaboração público-privada na resposta à crise educacional do covid-19.

A inovação educacional requer colaboração entre o público e o privado, e na Espanha existe uma cultura de confronto entre o público e o privado. Parece que a educação é uma questão para o governo, mas é preciso que a sociedade se envolva e contribua com ideias criativas. As empresas também precisam de se envolver mais, propondo soluções, por exemplo, para as aulas práticas dos alunos do ensino profissional. O futuro do país depende também da forma como esta crise educacional for gerida.

Fonte: El Pais



OPINIÃO

OS 10 ERROS QUE O MUNDO NÃO PODE VOLTAR A COMETER

O médico Jorge Sales Marques, que está a exercer em Macau, avisa que nos próximos anos vão surgir outros vírus e explica, uma a uma, as falhas que foram observadas nesta pandemia e que não podem voltar a repetir-se. “Temos todos de estar prontos na próxima pandemia”, defende o médico – que explica ponto por ponto os 10 erros que o mundo cometeu:

1- Falha na avaliação do novo vírus vindo da Ásia

2- Ausência de rastreio térmico nos aeroportos e fronteiras

- 3- Adiamento do uso de máscaras
- 4- Formação e informação detalhada à população sobre a higiene pessoal
- 5- Não impedir desde cedo a aglomeração das pessoas
- 6- Ignorar o isolamento
- 7- Não testar todos os casos suspeitos e contactos
- 8- Não planear a tempo a proteção da população mais vulnerável
- 9- Falha de equipamento de proteção individual para os médicos.
- 10. Falhas na OMS

Fonte: Visão Saúde

COVID-19 E O DÉFICIT DE CONFIANÇA

Anos de pesquisas nos Estados Unidos e na Europa mostram que a confiança dos cidadãos nas instituições diminuiu, alimentando a polarização partidária e a paralisia política. Mas agora que a pandemia do COVID-19 não nos deixou outra opção que não seja a de confiar nas nossas instituições, a questão da restauração da confiança torna-se primordial.

PALO ALTO / MILÃO - Com o mundo fustigado por uma pandemia mortal e perturbadora, deveria ser óbvio que a ciência, a medicina, a economia, a política e outras áreas de conhecimento e de ação seriam vistas como cruciais para enfrentar os efeitos sanitários, económicos e psicológicos do surto. Infelizmente, o que deveria ser óbvio não o é.

O problema, como alertamos em 2012, é que estamos a viver uma era de paralisia das políticas. "As elites governamentais, empresariais, financeiras e académicas não são confiáveis", afirmámos. "A falta de confiança nas elites provavelmente é saudável até um certo ponto, mas são inúmeras as pesquisas indicam que está em rápida escalada, aumentando a relutância dos cidadãos em delegar autoridade para liderarem as comunidades num ambiente de incerteza". Se mudar estas últimas palavras para "liderarem num contexto caótico de choque económico e de saúde pública", e a declaração não perde nenhuma relevância hoje.

UM MUNDO DE DESCONFIANÇA

Embora existam muitas razões para a falta de confiança, um elemento-chave é a crença do cidadão comum de que as elites estão a colocar os seus próprios interesses acima de valores gerais partilhados pelas comunidades. A partir de maio de 2015, uma pesquisa da Economist- YouGov entrevistou um painel de 5.000 americanos sobre questões relacionadas com a política, as eleições e a confiança nas instituições. Por exemplo, quando perguntado em setembro: "Acha que o sistema económico dos EUA favorece os ricos ou é justo para a maioria dos americanos?", 66% dos participantes disseram que o sistema favorecia os ricos, enquanto apenas 24% disseram que é justo para os americanos em geral.

Durante 5 anos, essa pergunta foi feita inúmeras vezes, e a percentagem de "favorece os ricos" nunca baixou dos 60%. Na sondagem de março de 2020, 67% dos eleitores registados continuaram a duvidar da justiça do sistema. Cerca de 70% pensam que o governo dos EUA é dirigido por e para alguns grandes

interesses, e não para o benefício de todos, e cerca de dois terços acreditam que muitos dos que dirigem o governo são desonestos e costumam desperdiçar o dinheiro dos contribuintes.

Mas a desconfiança não para por aí. As questões que avaliam a confiança noutras instituições, que não o governo, apresentam resultados igualmente sombrios, conforme mostrado na Tabela 1.

Table 1: Confidence in Institutions: Ratio Strong to Weak

	Confidence in	Confidence in	
	A Great Deal %	Very Little %	Ratio of strong to weak confidence
Military	33	6	+5.5
Small Business	16	11	+1.5
Police	22	14	+1.6
Organized religion	15	28	.53
Medical system	08	17	.47
Public schools	07	28	.25
Banks	03	31	.09
Organized labor	06	29	.21
Newspapers	09	41	.22
Tv News	06	50	.12
Criminal Justice	04	27	.15
Universities	08	27	.15
Stock market	05	39	.13

Com exceção das forças armadas, da polícia e das pequenas empresas, o rácio de forte para fraca confiança é inferior a um nas restantes instituições consideradas. De facto, a maioria das restantes instituições regista menos de 0,25 nessa avaliação. Das instituições religiosas e do sistema médico ao mercado de ações, sindicatos e media, são muito mais os americanos que desconfiam das principais instituições do que os que nelas confiam.

A ATRAÇÃO DA POLARIZAÇÃO

Estes números, refletem muitos fatores, mas uma tendência importante é que o apoio a uma instituição específica parece depender muito da filiação num partido político. Como mostra a Tabela 2, os republicanos tendem a ter muita confiança nas forças armadas e na polícia, depois com algum grau de confiança nos pequenos negócios e nas instituições religiosas. Depois disso, nenhuma outra instituição tem confiança acima de 7%.

Table 2: Partisan Differences: Confidence in Institutions

	A Great Deal of Confidence			Very Little Confidence		
	Democrat	Republican	Absolute Difference	Democrat	Republican	Absolute Difference
Military	17	52	35	09	02	7
Small Business	10	23	13	06	02	4
Police	08	40	32	20	04	16
Organized religion	11	22	11	40	14	26
Medical system	09	07	2	15	18	3
Public schools	11	05	6	08	34	31
Banks	02	03	1	34	18	16
Organized labor	11	01	10	10	48	38
Newspapers	15	02	13	08	62	54
Tv News	10	02	10	14	63	49
Criminal Justice	03	06	3	30	18	12
Universities	14	04	10	06	41	35
Stock market	04	04	0	37	32	5

Por outro lado, os democratas têm menos confiança nas forças armadas (35%) e na polícia (32%) do que os republicanos e também são relativamente menos favoráveis às instituições religiosas e às pequenas empresas, embora com margens menores. Como era previsível, os democratas tendem a apoiar mais as escolas públicas, os sindicatos, os media e as universidades.

As únicas áreas de convergência dizem respeito aos bancos, ao mercado de ações e o sistema de justiça, em relação aos quais nem republicanos nem democratas

são particularmente favoráveis. Finalmente, as visões em relação ao sistema médico mostram um pequeno grau de diferença partidária, mas geralmente são mais relevantes do que verificadas nos bancos, no sistema de justiça e no mercado de ações.

Passando para o lado negativo das avaliações de confiança, as maiores divergências partidárias (do maior para o menor) aparecem nas visões de jornais, notícias na TV, sindicatos, universidades, escolas públicas e religião organizada. E, embora os republicanos menosprezem os bancos e o sistema de justiça criminal do que os democratas, poucos partidários de ambos os partidos relatam falta de confiança nas forças armadas, nas pequenas empresas e no sistema médico, e os partidários de ambas as partes têm opiniões semelhantes sobre o mercado de ações.

Algumas dessas diferenças são compreensíveis, dada a polarização ideológica de hoje. Com exceção da Fox News, os republicanos consideram os media nacionais excessivamente liberais, juntamente com universidades e escolas públicas. E os sindicatos são historicamente apoiados pelos democratas. Finalmente, os grupos minoritários tendem a ter visões diferentes das dos brancos quando se trata da polícia e do sistema de justiça.

As únicas instituições importantes em que os americanos concordam, nivelando a confiança por baixo, são os bancos e o mercado de ações. Embora algumas dessas diferenças sejam compreensíveis, a política partidária nos Estados Unidos parece ter dificultado a construção e a manutenção da confiança no sistema como um todo.

NOVAS DIVISÕES NO VELHO CONTINENTE

Padrões semelhantes também aparecem nos países membros da União Europeia. Em julho de 2019, a Hewlett Foundation, a Hoover Institution e YouGov realizaram uma “pesquisa de populismo” na qual os entrevistados foram questionados: “Concorda ou discorda das seguintes afirmações referentes às pessoas e elites do seu país?” A tabela 3 mostra os resultados para cinco países.

Table 3: Relationships Between Political Elites and People- Five Countries

	U.K.		France		Italy		Germany		Poland	
	Agree	Disagree	Agree	Disagree	Agree	Disagree	Agree	Disagree	Agree	Disagree
	%		%		%		%		%	
People are represented by political elite	8	71	10	67	19	70	16	60	17	57
Political elites have nations interest at heart	11	66	13	58	23	60	17	54	14	57
Political elites are corrupt	55	15	65	10	66	16	46	27	64	9

Nos cinco países, os europeus não consideram que os seus interesses estejam bem representados pela elite política. No Reino Unido, apenas 8% concorda que as elites políticas representam o povo, enquanto 71% discordam. Da mesma forma, na Itália, apenas 19% concordam, enquanto 70% discorda. Só na Polónia é que a percentagem dos que discordam da afirmação de que as elites representam adequadamente as pessoas ficou abaixo de 60%.

Enquanto isso, quando perguntado: "As elites políticas sentem o interesse nacional?", a maioria em todos os países diz que não. Só na Itália é que a percentagem daqueles que pensam que as elites estão comprometidas com o interesse nacional excede os 20%. Com exceção da Alemanha, a maioria dos países pesquisados concordam que as elites políticas são corruptas. E mesmo na Alemanha, 46% concordam que as elites são corruptas, com apenas 27% de vozes discordantes.

Quanto às atitudes dos europeus em relação a outras instituições que não o governo, os resultados da pesquisa produziram padrões semelhantes aos encontrados nos EUA. A Tabela 4 mostra os resultados da pesquisa da Hewlett-Hoover-YouGov nos mesmos cinco países, concentrando-se nos números de alta confiança e não-confiança.

Table 4: Confidence in Institutions- Five Nations

	U.K.		France		Italy		Germany		Poland	
	A lot	None	A lot	None	A lot	None	A lot	None	A lot	None
	%		%		%		%		%	
How much confidence in Media	2	35	2	30	5	18	11	19	5	26
How much confidence in Church	9	46	5	18	9	30	6	40	12	35
How much confidence in Police	25	8	17	6	29	5	37	4	15	10
How much confidence in Business	6	14	3	10	10	6	6	13	8	10
How much confidence in Unions	8	26	4	23	4	27	15	12	9	15
How much confidence in European Union	9	36	4	25	9	21	13	17	22	12

Os resultados falam por si. A única instituição com uma relação positiva entre a alta e a baixa confiança é a polícia. Quando se trata dos media e das instituições religiosas, a maioria inclina-se mais para a falta de confiança do que para a confiança, mesmo na Polónia e na Itália, onde se poderiam supor outros resultados.

A elevada confiança nos negócios não ultrapassa os 10% em nenhum país, mas também não há forte apoio aos sindicatos. Com exceção da Alemanha, onde os sindicatos se saem bem, nenhum outro país regista um nível de confiança alta de dois dígitos no trabalho organizado; mesmo na França e na Itália, os números são talvez mais baixos do que se poderia esperar.

Em termos mais gerais, o apoio à própria UE não é particularmente elevado no Reino Unido (sem surpresa), França ou Itália, o que é compreensível, uma vez que cada um tem um grande partido político mais ou menos contrário ao projeto europeu. A percentagem de elevada para nenhuma confiança é razoavelmente uniforme, embora ainda negativa, na Alemanha. Na Polónia, 22% dos entrevistados têm elevada confiança na UE, enquanto 12% não confiam nela.

Noutras questões (não incluídas na tabela por questões de brevidade), as universidades e as escolas públicas saem-se muito melhor na Europa do que nos EUA, representando um raro ponto de força. Mas, no geral, os resultados para os países europeus são paralelos aos dos EUA. Existe uma falta generalizada de confiança nas principais elites políticas, financeiras e económicas do Ocidente.

SINAIS DE TENSÃO

Nos EUA, a polarização ideológica (refletida nas diferenças partidárias descritas acima) levou a um aprofundamento da instabilidade política, como foi evidenciado pela ascensão do presidente dos EUA, Donald Trump, em 2016. Trump explorou a falta de confiança no governo e nas instituições para assumir o Partido Republicano. Ele nunca foi um republicano de “pequeno governo, livre comércio” – de facto, por esses padrões, ele não era republicano. No entanto, ao correr e vencer, mudou fundamentalmente a tradicional coligação republicana.

Na Europa, acontece um fenómeno semelhante com as perdas eleitorais dos partidos de centro-esquerda e centro-direita tradicionais nos últimos anos. A falta de confiança nas elites contribuiu significativamente para o resultado do referendo do Brexit de 2016, no qual a maioria dos eleitores trabalhistas e liberais democratas defendeu a permanência na UE, enquanto a maioria dos conservadores e todo o novo Partido da Independência do Reino Unido apoiaram a saída do projeto europeu.

Na Itália, os principais partidos tradicionais foram devastados nas últimas eleições, ganhas pelo populista Movimento Cinco Estrelas e pelo partido de direita da Liga, que assentaram a campanha numa plataforma anti-establishment e anti-UE. Na França, as eleições presidenciais e parlamentares de 2017 foram uma disputa entre a Frente Nacional de extrema direita de Marine Le Pen (agora o Rally Nacional) e o movimento La République En Marche de Emmanuel Macron. Com os tradicionais partidos de centro-esquerda e centro-direita do país afastados da disputa, um mês depois, Macron venceu a presidência e conseguiu uma maioria parlamentar nas eleições da Assembleia Nacional.

Na Alemanha, o apoio eleitoral à alternativa de extrema direita para a Alemanha (AfD) continuou a aumentar nas eleições nacionais e regionais, enquanto o apoio aos social-democratas (SPD) caiu. Como consequência, o país mais politicamente estável da UE tem perdido esse equilíbrio. Enquanto isso, a Polónia, mais nova na UE e na democracia, também mostra sinais de instabilidade política, devido à abordagem divisória adotada pelo partido no poder, Lei e Justiça (PiS), que levou à formação de uma nova coligação cívica que inclui partidos mainstream, bem como partidos mais marginais, como os verdes.

Estes desenvolvimentos levam-nos a concluir que a falta de confiança nas instituições e elites teve um impacto decisivo na política e nas políticas nos EUA e na Europa. A coesão social atrofiou-se à medida que a desconfiança alastrava e se consolidava. A colaboração entre governo, empresas e mão-de-obra para enfrentar os desafios económicos e sociais tornou-se cada vez mais difícil. Como resultado, os governos têm despendido mais tempo e energia do que deviam em vez de enfrentar os principais desafios económicos, ambientais e de saúde.

RUMO A UMA NOVA POLÍTICA

O bloqueio política torna-se especialmente problemática quando é necessária uma ação rápida e decisiva, como ocorre durante uma pandemia. Na UE, a solidariedade entre países já estava em declínio e o COVID-19 acentuou essa tendência. E, no entanto, com tantas outras instituições em perda de confiança do público, é inevitável que o governo assuma a liderança, tanto na obtenção de uma resposta à crise quanto na restauração da confiança em geral. Nenhuma tarefa será fácil.

Ainda assim, na América, um ponto de alavancagem pode estar no facto de haver menos discordâncias partidárias sobre as falhas do governo. Para ter certeza, na pesquisa Economist-YouGov mais recente (março de 2020), a maioria dos democratas e republicanos concorda que o governo é administrado por alguns grandes interesses na maioria das vezes. Mas mais de três quartos dos entrevistados de cada parte também concordam que o governo segue a estratégia certa – ou seja, persegue o interesse público – pelo menos em parte do tempo.

Ainda mais promissor, mais de 60% dos apoiantes de ambas as partes concordam que ter um membro do Congresso disposto a se comprometer é mais importante do que ter um que se apegue rigidamente a seus princípios. Alguns podem pensar que fazer concessões é uma imitação. Mas o facto é que a política é e sempre foi sobre compromisso. A arte da política é a arte do possível, e um número crescente de americanos parece ter receio de adotar uma política orientada por princípios que não pode se podem cumprir quando realmente importa.

A crise do COVID-19 é um desses momentos. Como o coronavírus se espalha furtivamente, especialmente nas fases iniciais antes do aparecimento dos sintomas, a maioria dos governos (com algumas exceções) respondeu tarde demais e estava inadequadamente preparada; os custos dessas falhas estão a revelar-se. Pouquíssimos países tinham sistemas pré-estabelecidos para lidar com uma pandemia, como ficou demonstrado pela escassez de equipamentos médicos e outros recursos críticos no sistema de resposta médica.

Estas falhas trágicas ocorrem apesar dos alertas (como o filantropo e defensor da saúde pública Bill Gates) que estiveram na linha de frente de epidemias anteriores ou nas proximidades. Na maior parte do tempo, estivemos a voar às cegas e a tentar recuperar o atraso. A gestão da crise está a superar a inconsistência inicial, mas nos EUA e noutros países, há uma falta de clareza sobre quem está encarregue do quê.

Este caos – a consequência previsível da falta de preparação – não inspira muita confiança, depois de anos de declínio nas instituições. Ainda assim, existe uma oportunidade para começar a restaurar a confiança perdida. Começamos agora a focar-nos na estratégia para a recuperação. Permanecem muitas incertezas, que só podem ser resolvidas com dados, pesquisa e experiência. Mas uma coisa é bastante clara: além da perda de vidas, todas as economias sofrerão enormes consequências. A recessão profunda implicará a deterioração dos padrões de vida.

As perdas variarão bastante entre os setores e a população. O modo como eles serão absorvidos será determinado pelas políticas atualmente adotadas para amortecer o choque e depois distribuí-lo de maneira justa pela população e ao longo do tempo. Se deixarmos os impactos negativos sem controlo, a confiança nas instituições tenderá a afundar-se ainda mais.

TODOS JUNTOS AGORA

Na medida em que há um amplo reconhecimento entre os cidadãos e líderes políticos / empresariais de que as perdas de hoje são grandes o suficiente para serem partilhadas ou socializadas, há uma pequena oportunidade de começar a

reverter a espiral descendente da desconfiança. Ou “estamos todos juntos nisso” ou “está cada um por sua conta”. O que vai acontecer ao déficit de confiança dependerá das opções que fizermos entre estas duas perspectivas.

Dada a escala da crise do COVID-19, deve ser óbvio que os interesses partilhados são muito maiores que nossas diferenças. Durante períodos de relativa prosperidade e estabilidade, é fácil esquecer o primeiro e ampliá-lo (especialmente quando estamos armados com uma seleção crescente de ferramentas de comunicação digital). Mas, ao enfrentar uma ameaça externa, o equilíbrio tende a mudar em favor dos interesses partilhados.

A pandemia atual (e haverá mais por vir) tem sido amplamente descrita como uma guerra, mesmo que todos, em algum sentido, estejam do mesmo lado contra um inimigo não tradicional. A situação exige uma resposta rápida e cooperativa dos governos e de outras instituições. Se for bem-sucedida, essa resposta poderá ajudar a reverter as tendências adversas descritas acima. Temos a oportunidade de melhorar a nossa capacidade de enfrentar desafios futuros, tanto nacional quanto internacionalmente. Mas primeiro, governos e líderes devem reconquistar a confiança do público. A crise da pandemia não é um mau ensejo para começar.

Michael Spence, Prémio Nobel de Economia, é professor de Economia na Stern School of Business da Universidade de Nova York e membro sénior da Hoover Institution.

David W. Brady é professor de Ciência Política e Valores de Liderança na Universidade de Stanford e membro sénior da Família Davies na Hoover Institution.

Fonte: Project Syndicate

